

**OLHARES E EXPERIÊNCIAS SOCIOLOGICAS PORTUGUESAS:
entrevista com João Teixeira Lopes ¹**

***PORTUGUESE SOCIOLOGICAL PERSPECTIVES AND
EXPERIENCES:
interview with João Teixeira Lopes***

José Roberto Feitosa de Sena*
Giovanni Boaes**



Português nascido em Angola, filho de um “retornado” de esquerda, professor da Universidade do Porto/Portugal, tendo se tornado o mais jovem catedrático do país, João Teixeira Lopes é um dos nomes mais atuantes da sociologia lusitana na atualidade. Realizou seu percurso no Porto, onde desenvolve maior parte de seus estudos multitemáticos e em pluriperspectiva, prezando pela perícia acurada sem negligenciar o engajamento político de seu fazer sociológico. Muito influenciado pela sociologia disposicionalista francesa, tem como referências indispensáveis Pierre Bourdieu e Bernard Lahire, deste último tem aplicado com frequência a metodologia dos retratos sociológicos em vários de seus trabalhos. Coordenou equipes

em diversas pesquisas e publicou vários livros com resultados empíricos de suas investigações. Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia – APS, a segunda maior do mundo em número de associados, professor João, como é chamado por colegas e alunos, é um ser humano simples, simpático e atencioso, apesar das inúmeras tarefas que assume. Orienta muitos estudantes, portugueses e estrangeiros. No âmbito de sua vida político-partidária, representou o Bloco de Esquerda como deputado à Assembleia da República entre 2002-2006. Sua atuação relevante na Europa lhe rendeu muito reconhecimento e alguns prêmios e distinções como galardão “Chevalier des Palmes Académiques” pelo Governo francês em 2014.

1 Entrevista realizada na tarde do dia 13 de novembro de 2017 no gabinete do Prof. Dr. João Teixeira Lopes. Faculdade de Letras (Bloco B), Universidade do Porto. Porto, Portugal. Foto: José Roberto e Prof. João Teixeira, da esquerda para a direita.

* Doutorando em Sociologia pela UFPB/Brasil. Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE/CAPES entre setembro e dezembro de 2017 na Universidade do Porto/Portugal. E-mail: joserobertosena86@gmail.com

** Professor do Departamento de Ciências Sociais e do PPGS/UFPB/Brasil. Doutor em Sociologia pela UNESP/Brasil. E-mail: giboaes@gmail.com

Born in Angola, the son of a leftist “returned”, teacher at the University of Porto/Portugal, João Teixeira Lopes is one of the most active names in Lusitanian sociology today. He completed his course in Oporto, where he develops most of his multi-thematic and pluriperspective studies, emphasizing his expert knowledge without neglecting the political engagement of his sociological work. Much influenced by French dispositional sociology, Pierre Bourdieu and Bernard Lahire are indispensable references, of which he has frequently applied the methodology of sociological portraits in several of his works. He coordinated teams in several surveys and published several books with empirical results from his investigations. President of the Portuguese Association of Sociology - APS, the second largest in the world in number of associates, Teacher João, as he is called by colleagues and students, is a simple human being, friendly and attentive, despite the numerous tasks that he assumes. He guides many students, Portuguese and foreigners. In the context of his party-political life, he represented the Left Bloc as a Member of the Assembly of the Republic between 2002-2006. His relevant performance in Europe earned him much recognition and some awards and distinctions as a “Chevalier des Palmes Académiques” award by the French Government in 2014.

José Roberto Sena: *Fale de sua trajetória social, origem familiar, percurso escolar e a que atribui seu interesse pela sociologia.*

João Teixeira Lopes: Minha mãe era funcionária pública, teve apenas 9 anos de escolaridade e meu pai era um responsável do contencioso no sindicato, tinha frequência universitária. Posso dizer que sou de uma família da pequena burguesia, com uma característica interessante, o meu pai tinha um elevado capital cultural, apesar do capital escolar não ser coincidente, uma vez que nunca teve curso universitário completado, mas era alguém que tinha uma cultura muito ampla, muito virada para as ciências sociais e com uma excelente biblioteca, chegou a vendê-la duas vezes por que precisou de dinheiro, reconstituiu sempre grandes bibliotecas mesmo depois das vendas. Vivemos sempre sem nenhum tipo de luxo, sem nenhum tipo de poupança, porque o que meus pais ganhavam, salários médios, eram gastos com as despesas habituais. Uma particularidade também é que eu nasci em Angola, enquanto ainda era colônia portuguesa. Regressei a Portugal um pouco antes da independência de Angola. Retornados, eram assim denominados os portugueses colonos que regressaram após a independência. Um regresso que se deu em condições muito difíceis porque esses países estavam em guerra conosco, havia a chamada guerra colonial. Mas esses retornados, a maior parte, eu diria quatro quintos, sempre foram muito conservadores no aspecto político, eram antirrevolução, antidescolonização e muito saudosistas em relação ao passado colonial. A minha família não, o meu pai era membro do Partido Comunista Português (PCP) antes de ir para Angola e aos 20 anos fez parte de movimentos estudantis clandestinos, esteve preso, e em Angola, fazia parte do Movimento Popular de Libertação do país (MPLA). Portanto, sou um retornado, mas de uma família de esquerda, isso foi absolutamente marcante.

José Roberto Sena: *Por que seu pai foi para Angola?*

João Teixeira Lopes: Meu pai foi pra lá porque meus avós já tinham ido, como ele não acabou o curso aqui em Portugal, foi trabalhar em Angola como empregado de escritório. Minha mãe foi para Angola com 4 anos de idade porque meu avô também decidiu ir e levar a filha e os irmãos todos. Meu avô era despachante oficial, mas, mesmo em Angola, nunca vivemos com luxo, nunca tivemos propriamente riqueza acumulada, mas vivíamos, apesar de tudo, com mais folga do que depois do regresso a Portugal. Mas essa singularidade é muito interessante porque os retornados são muito reacionários, isto é, tendem sempre a ocultar os fenômenos do racismo, tendem a ocultar toda repressão que se abateu com a colonização e meu pai lutava contra o regime, contra a ditadura em Portugal e contra a sua faceta colonizadora em Angola. Teve, aliás, contato com muitos intelectuais angolanos que hoje são escritores conhecidos, como Luandino Vieira, que fazia parte de um círculo em Luanda que combatia o regime. Meu pai conta que, a certa altura, quando arrebentam os primeiros movimentos que foram particularmente violentos, as primeiras revoltas foram brutais, isto é, houve mortes mais ou menos indiscriminadas de colonos brancos. E, entretanto, em Luanda, antes da vinda dos primeiros soldados daqui de Portugal, as milícias de brancos começaram a organizar-se e na empresa do meu pai queriam dar-lhe uma arma e dar-lhe funções, e ele recusou terminantemente, não faria, pois isso era contra o seu modo de pensar em relação ao colonialismo, apesar de, nessa altura, a revolta desse grupo ter sido muito violenta.

José Roberto Sena: *Com quantos anos veio a Portugal?*

João Teixeira Lopes: Com 5 anos vim a Portugal, fiz todo meu percurso aqui no Porto, nas escolas públicas. Fui sempre bom aluno e sempre muito virado para as ciências sociais, inicialmente para a história e depois, no 11º ano, ou seja, 2 anos antes de entrar na faculdade, tive uma professora de filosofia que dava a cadeira de sociologia e que dava de uma forma empolgante, apesar de não ser uma conhecedora de modo aprofundado, porque era filósofa, muito virada para o debate, para análise dos documentos, para o sentido crítico da análise social. A partir daí, disse-lhe, eu não quero história, eu quero a sociologia. Foi muito importante essa influência e entrei em sociologia com a nota de entrada mais elevada e também concluí o curso com notas altas. Candidatei-me ao concurso de assistente estagiário, coisa que já não existe mais, mas que na altura, em 1992, a carreira universitária iniciava por aí. Assistente estagiário era aquele que tinha uma licenciatura e não tinha mais nada, isto é, fiz todos os degraus na carreira acadêmica,

enquanto hoje, muitos só podem iniciar com doutoramento. Fiz mestrado e passei para professor assistente, fiz um doutoramento e passei para professor auxiliar e fiz avaliação para professor catedrático. Muito cedo, aos 39 anos, fui o professor catedrático mais jovem do país, ainda hoje sou o mais jovem professor catedrático de Portugal na área da sociologia. Por razões institucionais, o curso de sociologia é um curso novo, surgiu aqui na Universidade do Porto, em 1985, e isso para mim foi muito importante porque eu sempre procurei ganhar autonomia o mais rapidamente possível, não vejo ser catedrático como exercício de poder ou de autoridade sobre meus colegas, não tenho nenhum tipo de exercício ritualizado de poder, nem faço valer o meu poder acadêmico a não ser em exercícios de rotina como membro de júri e outras atividades, mas, de fato, não ativo exercícios ritualizados de poder, é uma questão também de orientação ideológica. O ser catedrático me trazia autonomia para decidir os temas da minha pesquisa, autonomia para fazer as minhas intervenções científicas e extracientíficas e no fundo a capacidade de me libertar das tendências alienantes do trabalho. Isso me deu uma motivação muito grande para eu fazer rapidamente meu percurso acadêmico.

José Roberto Sena: *Quais são os temas hoje de interesse da sua pesquisa?*

João Teixeira Lopes: Eu tenho uma grande aversão à hiperespecialização em sociologia e acho que nós devemos sempre comunicar, em nossas pesquisas, com o corpo central da teoria social, ou seja, eu posso fazer uma pesquisa sobre juventude, mas eu nunca posso deixar de refletir sobre os conceitos de agência e indivíduo, de disposição, de reprodução, de reflexividade etc. Ou seja, o que parece é que muitas vezes ao enveredamos por questões de carreira por interesses de competição e de distinção dentro do campo acadêmico, esquecemos o trabalho coletivo que existe no campo científico, a cumulatividade que existe nesse campo e a necessidade de dialogarmos constantemente com a rede de teorias e conceitos que formam a sociologia contemporânea. Eu tento fazer sempre isso, portanto a minha preocupação não é tanto disputar com os especializados, é mais de dialogar com o centro, com *core* das teorias sociológicas através de material empiricamente produzido, isto sim. Eu tenho trabalhos publicados na sociologia da juventude e da educação juntando as duas áreas². Minha tese de mestrado³ é claramente neste

2 COSTA, António. Firmino da; LOPES, João Teixeira ; CAETANO, Ana. **Percursos de estudantes no ensino superior**. Lisboa: Mundos Sociais, 2014.

3 LOPES, João Teixeira. **Tristes escolas**: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano. Porto: Afrontamento, 1997.

domínio, tenho trabalhos da sociologia da cultura e muito particularmente na formação de públicos, ou seja, uma sociologia da cultura orientada para políticas públicas e orientada para aquilo que se chama o alargamento e a formação de público (apesar de a formação, essa palavra ter um caráter que pode ser muito etnocêntrico e paternalista, mas não é este caso). Eu procuro observar a formação do público sobre a égide da democracia cultural e do reconhecimento dos vários tipos de legitimidade cultural. Tenho também estudos na área dos museus, na área das desigualdades sociais e das classes sociais, estudos na área de movimentos migratórios e na área do gênero⁴ também, mas sempre com a preocupação de não cair no fechamento, no gueto, no culto da hiperespecialização.

José Roberto Sena: *A sociologia em Portugal é considerada por muitos autores como uma disciplina tardia, tendo florescido com a Revolução de abril de 1974. Como avalia a evolução recente da sociologia em Portugal?*

João Teixeira Lopes: Isso é inteiramente verdade, ela surgiu muito tarde porque havia um contexto ditatorial que era muito pouco propício ao surgimento do curso de sociologia. Havia algumas cadeiras do curso de sociologia em Évora e havia algumas cadeiras de sociologia também em Lisboa junto ao Gabinete de Investigações Sociais - GIS, mas na verdade não havia um curso autônomo de sociologia. Mas o fato de ter surgido tardiamente teve suas vantagens, a sociologia portuguesa escapou, em boa medida, das querelas científicas que paralisam o debate, a querela agência e estrutura, a querela indivíduo e sociedade ou a querela consenso e conflito, aquelas aporias que não nos permitem avançar no conhecimento científico. Isso aconteceu porque sua entrada institucional foi tardia e sendo possível com isso colher os frutos do avanço científico em várias plataformas internacionais. Por isso eu costumo dizer que apesar de ter sido tardia, a sociologia portuguesa foi menos sectária, mais aberta ao mundo, mais aberta às múltiplas influências, à pluralidade teórica e mesmo à pluralidade metodológica, isso é um ganho enorme. Nós não temos aqui, acho que isso é justo dizê-lo, apenas as leituras do mundo francófono ou apenas as leituras do mundo anglo-saxônico. Sempre fomos muito abertos às múltiplas influências e isso aumentou, creio eu, a riqueza da sociologia portuguesa.

⁴LOPES, João Teixeira *et al.* Gênero e música eletrônica de dança: experiências, percursos e “retratos” de mulheres clubbers. **Sociologia: problemas e práticas**, Lisboa, n. 62, p. 35-56, 2010.

José Roberto Sena: *O senhor tem uma atuação relevante nos meios institucionais acadêmicos e culturais, é um defensor aberto do Porto e o direito à cidade, tem uma militância política-ideológica e partidária, tendo inclusive sido candidato por duas vezes em eleições majoritárias. Como vê o papel do sociólogo frente à política? Decorre dessa visão o seu engajamento político? A sociologia tem uma função social direta?*

João Teixeira Lopes: Eu acho que a sociologia não tem necessariamente um papel de intervenção social direta, acho que nenhum sociólogo deve ser, entre aspas, compelido a fazer alguma intervenção pública e política direta ou como militante ativista, agora, também me parece que é impossível ser sociólogo e não ser atento àquilo que são as desigualdades sociais nas suas mais diferentes formas, não só as de classe, mas também as de gênero, as de etnia e as de orientação sexual. Acho que é impossível ser um bom sociólogo e ser racista ou sexista, acho que isso é uma contradição absoluta para a boa atividade sociológica. Não estou dizendo que o sociólogo seja uma espécie de deus livre de qualquer preconceito, ele está mergulhado no mundo dos preconceitos e nos quadros culturais de uma dada sociedade, mas ele tem ferramentas suficientes para exercitar constantemente uma vigilância epistemológica sobre si próprio e sobre as formas como esses preconceitos podem afetar a sua produção científica e sobre a forma de combatê-los. Mesmo que isso seja um combate contínuo, não se pode dizer que este combate está ganho de uma vez por todas.

Dito isto, esta sensibilidade sociológica que Wright Mills chama “a imaginação sociológica” é a capacidade de ver para além das fachadas oficiais, a capacidade de desocultar os fenômenos para além daquilo que é a sua linguagem tal como é definida pelas instâncias de poder. Sua capacidade de contextualizar, relacionar, de imaginar o social. Isso é uma tarefa que não é diretamente política, mas é eminentemente política, não é diretamente política porque o seu fim primeiro não é ação política, mas, sem dúvida nenhuma, que ela transporta em si um poder de transformação daquilo que são as instituições sociais e da própria organização social. Bourdieu falava muito do “ofício do sociólogo” como um alguém que tem o prazer de desiludir e eu acho que ele tem razão. Desiludir as aparências, de desiludir as verdades feitas, de desiludir os clichês oficiais, de desiludir tudo isso, mas acho que ele também tem um potencial de construção muito grande, embora, enquanto cientista social, ele não tem necessariamente que fazer ação política direta. A sua melhor ação política pode e deve ser a de fazer uma boa, rigorosa e sólida sociologia, mas uma boa, rigorosa e sólida sociologia atenta aos preconceitos e atenta às desigualdades. Isso é um contributo político enorme. Agora o sociólogo é também alguém que pode exercer um papel

social na sociedade, no meu caso, a sociologia acadêmica é um papel social entre outros, eu tenho tido ativismo político muito frequente, muito sistemático. E aí assumo algumas das disposições que me fizeram sociólogo e mais outras disposições que não têm necessariamente a ver de uma maneira direta com a sociologia, embora o diálogo entre os papéis sociais se faça muito facilmente. Eu acho que a ação política direta se alimenta muito, no meu caso, do meu trabalho como sociólogo e acho que meu trabalho como sociólogo também vai buscar muita inspiração em muitos exemplos de trabalhos de terreno (campo) para minha ação política.

José Roberto Sena: *No âmbito das classes sociais em Portugal, o senhor coordenou dois estudos sobre as relações de classes e as desigualdades. Um sobre a burguesia⁵ e outro sobre as classes populares⁶. A que conclusões chegou nesta relação?*

João Teixeira Lopes: Em primeiro lugar, à profunda desigualdade que existe na sociedade portuguesa. Somos uma sociedade fortemente desigual em que o fosso entre a burguesia e as classes populares é muito acentuado em várias dimensões: na dimensão econômica, e nesta dimensão, aquilo que diz respeito ao rendimento, ao salário, mas também, por exemplo, na dimensão política medida pela distância face ao poder, na dimensão cultural analisada pela dificuldade de acesso aos bens culturais. Mas tanto num caso quanto no outro, para além de termos quantificados, chegamos à conclusão de que como é intrincada a computação das elites nomeadamente no que diz respeito às relações entre poder econômico e poder político. Uma análise de redes nos permitiu perceber quais os mecanismos através dos quais o capital político se converte em capital econômico e o capital econômico se converte em capital político, mas também, em terceiro lugar, no que diz respeito às classes populares. O nosso livro chama bem atenção para a existência, por um lado, de práticas de afirmação, momentos e contextos em que as classes populares conseguem exprimir valores autónomos, linguagens próprias, visões do mundo emancipadas, e, por outro lado, momentos de dominação em que a sua linguagem é a linguagem do dominante e em que a sua organização do mundo está formatada pelas lógicas da dominação. Mas essa atenção é muito interessante senão vamos cair em opostos atores, vamos ver apenas o dominante e esquecer que há todo um trabalho de resistência, de

5 LOPES, João Teixeira; LOUÇÃ, Francisco; COSTA, Jorge. **Os burgueses:** quem são, como vivem, como mandam. Lisboa: Bertrand Editora, 2014.

6 LOPES, João Teixeira; LOUÇÃ, Francisco; FERRO Lígia. **As classes populares:** a produção e a reprodução da desigualdade em Portugal. Lisboa: Bertrand, 2017.

adaptação muito grande das classes populares, ou então, vamos esquecer que elas são, digamos, um ator, num jogo de ação que as remete para uma posição subalterna. A subalternidade comporta sempre uma tensão entre resistência e afirmação e no nosso livro mostramos isso em múltiplos exemplos, como o caso da música pimba ou no futebol, ou ainda, inclusivamente, nas práticas alimentares. Vamos a todos os terrenos que é outra questão que eu prezo, que é importante. As classes sociais manifestam-se sob múltiplas formas, nos contextos em que elas estão ativas, podemos ir a vários contextos e não ficar em um único contexto, não podemos, por exemplo, ficar só no contexto da relação de trabalho ou salarial ou da relação de empresa até porque as classes populares muitas delas estão fora do universo laboral, como os desempregados de longa duração, como os intermitentes e por isso não podemos fazer uma análise das classes sociais apenas pela ótica da centralidade do trabalho, é preciso encarar outras dimensões.

José Roberto Sena: *Neste livro, tanto na música pimba quanto nas torcidas de futebol, nesta relação entre ser incorporada pelos interesses da classe dominante e a resistência frente a esses interesses, tive a impressão que eles são muito mais incorporados pelo interesse dominante do que resistentes a ele. Tive uma leitura equivocada?*

João Teixeira Lopes: É verdade! Não é que seja um *a priori* de nossa parte, é o resultado da análise do material empírico. Isto é em particular no caso da música pimba. Surge um debate entre os intelectuais a considera-la como um gênero que deve ser encarado sem nenhum tipo de juízo de valor, daí entrou-se numa espécie de terreno niilista, num terreno em que não há avaliações de gosto, não há juízos estéticos e não há sequer uma indagação sobre as condições de produção social da música pimba ou sua reprodução. Eu acho que isso é de uma ingenuidade terrível, como é que eu advogo qualquer tipo de estigma a partir de juízos de gosto? As construções de gosto são evidentemente um dispositivo de luta social, nunca o sociólogo deve entrar com armas e munições para alimentar a guerra social sobre categorias distintivas, mas não deve ser ingênuo, deve tentar perceber como a indústria cultural penetra a música pimba de uma forma que torna claramente subalterna sua expressão cultural, não só em toda indústria do espetáculo, mas desde logo até na panóplia de temas que fazem parte do imaginário popular do pimba. Nesse aspecto, nós somos muito adornianos, muito próximos de uma visão crítica das indústrias culturais, mas em outros aspectos do livro nós mostramos também resistências, adaptações e tensões, mas aí é o material empírico que nos obriga a chegar a essa conclusão.

José Roberto Sena: *Seus estudos de classe, tanto o da burguesia quanto o das classes populares se assemelham muito a dois importantes estudos de classe de um sociólogo brasileiro, Jessé Souza. São o “batalhadores”⁷ e a “Ralé brasileira”⁸. Parecem-me abordagens muito semelhantes inclusive no que se refere à perspectiva contextualista e disposicionalista em escala individual orientada pela sociologia francesa.*

João Teixeira Lopes: Sem dúvida é alguém com quem nos identificamos muito, embora não tenha nenhum contato pessoal, não conheci, mas os livros dele nos fornecem relevante contributo e inspiração. Nós estamos elaborando uma trilogia, vamos fazer um terceiro livro abordando as classes médias portuguesas, vamos fazer uma análise marxista da classe média portuguesa. Nós somos marxistas, não um marxismo no sentido canônico ou dogmático do termo, nem no sentido de fechamento dos quadros teóricos, o fato de ser marxista não significa que não advogo pela pluralidade teórica, mas tenho uma visão que procura ver os fenômenos sociais não apenas como fenômenos sociais de classe, mas, em geral, os sintomas e a expressão das relações de exploração, das relações de desigualdade e de luta.

José Roberto Sena: *O senhor tem três livros publicados sobre processos migratórios em Portugal⁹. Como enxerga os problemas migratórios atuais em seu país e no mundo?*

João Teixeira Lopes: Portugal foi, por muito tempo, o país da emigração e depois, nos anos de 1990, com alguma prosperidade econômica, com a entrada na União Europeia e com a chegada de contingentes significativos não só da África, mas também dos antigos países da esfera soviética, Portugal passou a imaginar-se como um país da imigração. Mas um olhar atento aos números, mostra-nos que nunca deixamos de ser o país da emigração. Entramos no século XXI, em particular, com os sintomas da crise econômica, e rapidamente o caráter histórico e estrutural da emigração portuguesa

7 SOUZA, Jessé. **Batalhadores brasileiros:** nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2012.

8 SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira:** quem é e como vive. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

9 LOPES, João Teixeira. **Geração Europa?** Um estudo sobre a jovem emigração qualificada para a França. Lisboa: Mundos sociais, 2014.

LOPES, João Teixeira; GOMES, Rui Machado (Coord.). **Fuga de cérebros:** retratos da emigração portuguesa qualificada. Lisboa: Bertrand, 2015.

LOPES, João Teixeira; GOMES, Rui Machado. (Coord.) **Entre a periferia e o centro:** percursos de emigrantes portugueses qualificados. Série Investigação. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

voltou com força, embora agora com novas configurações, isto é, se nós olharmos para a emigração portuguesa verificamos que ela tem caráter pouco qualificado, mas tem características de novidades. Apesar dessa generalizada pouca qualificação há um quinto de emigrantes que podemos chamá-los de, com todas as aspas, 'cérebros' (as aspas porque é uma palavra que pode criar um estigma como quem migra não tem cérebro, mas vou utilizar esse termo para me referir ao perfil qualificado) que, embora minoritário, aumentou muito junto com o número de jovens e a feminização dos emigrantes. Em certa medida, eu estudei isso como o novo perfil da migração, pois o perfil mais popular já tem uma forte e consolidada intervenção de estudos da sociologia portuguesa. Percebi que os mais qualificados emigravam para computar as transições, a transição para a vida adulta, a transição para o trabalho, a transição para o casamento e para uma família própria e autônoma, coisa que em Portugal viam como difícil de acontecer devido às dificuldades econômicas e uma espécie de convivência forçada entre as gerações que a crise tem obrigado à sociedade. Neste estudo observamos também processo de transferências de capital por meio da imigração, há duas formas de transferência de capital saindo de Portugal: um por meio do pagamento da dívida em que obviamente o país está altamente manietado às condições que os credores impuseram e o outro, o capital humano que nós formamos e que vai para os países do centro da Europa. São duas formas de empobrecimento do país e que contribui para o seu caráter periférico.

Portugal é uma plataforma da migração. Isto é, voltamos a ser um país emigratório, mas continuamos a receber também imigrantes e, portanto, Portugal é uma plataforma entre três continentes, a América, a África e a Europa, e é uma plataforma giratória. Ou seja, a um sistema migratório em que Portugal é muitas vezes o início do percurso, em outros, pode ser o fim ou etapa do percurso migratório, tem essa característica de distribuir para os vários continentes.

José Roberto Sena: *Os jornais têm noticiado aqui em Portugal um recente e volumoso processo imigratório de brasileiros decorrente da crise econômica que o Brasil está passando. Isso tem se multiplicado muito nos últimos meses, e Portugal tem sido escolhido por muitos aspectos como o clima, o custo de vida, a segurança, a lusofonia entre outros aspectos motivadores e afinidades culturais. Como observa essa integração migratória que vem reaproximando esses países na contemporaneidade?*

João Teixeira Lopes: É verdade. Portugal é um país cujos estudos internacionais e as pesquisas empíricas têm mostrado que tem como característica possuir boas práticas de integração e não temos em Portugal uma extrema-direita orgânica, nenhuma

xenofobia orgânica, mas atenção, há em Portugal racismo e há também em Portugal racismo contra brasileiros, e em particular contra as mulheres. E a hipersexualização das mulheres brasileiras é claramente uma forma de sexismo e racismo, isso acontece em Portugal, por isso eu gosto de ver sempre as duas faces da moeda; sim há boas práticas de integração, mas há também fenômenos, em boa medida, não posso dizer que são sistemáticos ou alagados, de racismo.

José Roberto Sena: *O senhor coordenou uma densa pesquisa sobre os percursos e as práticas culturais de jovens estudantes universitários, no que tange aos perfis socioculturais estudantis, quais as conclusões da pesquisa?*

João Teixeira Lopes: Uma das principais conclusões é de que, para além das desigualdades de acesso ao ensino superior e das desigualdades de sucesso, há também desigualdades de percurso, isto é, ao olharmos para aquilo que é a diacronia das histórias de vida e olhando para aquilo que são os próprios circuitos de escolarização, percebemos como e quando são formadas disposições que depois se convertem ou não em sucesso escolar. Só essa perspectiva de percurso é que nos permite ter essa visão. Podemos perceber que o sucesso escolar de um estudante se deve ao fato de sua família, apesar de muito pobre, ter ética ascética em relação aos estudos, no que diz respeito à cultura escolar em que falar dos estudos, dos sacrifícios e da disciplina escolar era algo corrente em casa. E que aparece alguém da família, um parente ou até o vizinho que inculcou gosto pelos estudos e ao se perceber que isso começou a ter, ao longo do percurso, influência na escolha dos grupos de pares, influência nos métodos de estudo, influência até nas escolhas das escolas, influência na ligação da relação com os tempos livres e na construção das identidades juvenis, vemos como o percurso é fundamental para entender o ensino superior. Muitos estudos sobre estudantes universitários cometem o equívoco de estudá-los apenas na medida em que ingressam na universidade ou no momento atual do inquérito sem considerar esse percurso.

José Roberto Sena: *O senhor poderia falar um pouco sobre Associação Portuguesa de Sociologia – APS e a sua importância?*

João Teixeira Lopes: A Associação Portuguesa de Sociologia é a segunda maior associação de sociologia do mundo, a maior é americana, nós temos cerca 2.500 sócios. É uma associação com longa tradição em Portugal. Ela tem uma característica singular, faz uma união entre sociólogos acadêmicos e sociólogos dito profissionais, não está limitada ao campo acadêmico. Sempre privilegiamos vários perfis profissionais,

neste momento temos como prioridade a sociologia no ensino secundário porque há cada vez menos estudantes que observam a sociologia como uma alternativa e a maior parte dos professores sequer possui formação em sociologia. Por isso estamos a formar, nós próprios, alunos nos nossos cursos para oferecer às escolas sessões tipo *workshops* sobre o olhar sociológico sobre o mundo, sobre a perspectiva sociológica. Achamos que é a melhor maneira de criar competências, quem sabe até dispositivos de compreensão das sociedades contemporâneas. Isso é um dos aspectos que estamos a fazer, temos também uma revista de sociologia *online* que se caracteriza por ser uma revista indexada com regras, mas muito aberta aos jovens pesquisadores, temos também feito congressos intercalares sobre questões profissionais, sobre a intervenção local do sociólogo e temos os nossos congressos de dois em dois anos feitos em pontos diferentes do país, onde a grande comunidade se reúne, mas sempre com essa preocupação, académicos e não académicos a refletir sobre a sociedade.

José Roberto Sena: *O senhor tocou no assunto que me fez lembrar o Brasil que é a questão da sociologia no ensino médio. Sociologia e Filosofia no ensino médio foram conquistas consolidadas pós-ditadura. Recentemente o Governo Michel Temer propôs uma reforma que retira a obrigatoriedade de tais disciplinas do currículo básico escolar, representado, segundo muitos especialistas das Ciências Sociais e da Educação, um retrocesso. Com se dá o ensino de sociologia nos níveis básicos da educação em Portugal?*

João Teixeira Lopes: Ela existe como uma optativa, não é uma cadeira obrigatória, por isso, apenas cerca de 4 ou 5 alunos por turma é que escolhe a sociologia como uma disciplina optativa. Dito isto, os cursos de sociologia no ensino superior, apesar disso, preenchem sempre suas vagas, apesar dessa fraca oferta do secundário. Mas isso é uma preocupação, não tanto por uma questão corporativa, não quero discutir que os cursos de sociologia deveriam estar cheios, isso para mim não interessa muito, interessa aqui que as pessoas desenvolvam reflexividade sociológica e o poder de compreensão e de crítica que a sociologia inculca. E o olhar para o contemporâneo que a sociologia também propaga, isso é o que eu gostaria que acontecesse mais. No caso brasileiro, eu vejo com muita preocupação as ações desse governo, acompanhei bem o processo através de muitos amigos que lá tenho. Parece-me ser um caso muito nítido de tomada ilegítima do poder através de um golpe constitucional e que demonstra como as elites brasileiras não se dão bem com a democracia e que apesar do interregno social democrático que Lula trouxe, que o PT trouxe, com muitas contradições com muita corrupção, com muitas concessões, apesar disso é com esse interregno social democrático que foram possíveis algumas conquistas na esfera do consumo e na

integração de muitos brasileiros no acesso à educação (o que precisa ser observado de modo detalhado, uma vez que acesso à educação nem sempre se converte acesso ao mercado de trabalho), foi um período de alguma esperança, um interregno em que as classes elitistas não permitiram que continuasse e esse caráter oligárquico das elites brasileiras que é tão violento, é algo para mim que chama muito atenção. Eu gosto muito do Brasil, fui lá inúmeras vezes. Estou com saudades. O pai do Chico Buarque, o Sérgio Buarque de Holanda, falava do brasileiro como “*homem cordial*”. Sendo o homem de um país com o trato tão fácil, como nesse país há tanto preconceito? É um país em que as bundas estão expostas nas praias do Rio de Janeiro, mas é um país que é proibido se fazer *topless* por ser considerado atentado ao pudor. Eu tenho impressão que existe esse trato muito fácil, mas ao mesmo tempo os brancos da zona sul do Rio, por exemplo, tirando evidentemente os homens das favelas, já que são em áreas contíguas, mas em áreas residenciais não vemos tantos negros. A não ser os negros com a condição de babás, motoristas ou faxineiros, temos essa impressão de que a classe média branca do Brasil tenha empregadas domésticas o tempo inteiro e que paga tão pouco. Isso tem raízes evidentemente na colonização, tem raízes na sociedade escravagista e tem raízes também no sistema que perpetuou de forma muito violenta as desigualdades sociais e que agora chegou a um novo patamar, o patamar de uma fachada democrática que mascara a violência enorme sob um verniz democrático.

José Roberto Sena: *Quais os principais autores que influenciaram na sua formação intelectual?*

João Teixeira Lopes: Pierre Bourdieu e Bernard Lahire, sem dúvida nenhuma; em certa medida, embora menor, Anthony Giddens; e, em Portugal, sociólogos como José Madureira Pinto, João Ferreira de Almeida e Antônio Firmino da Costa. Se eu tivesse que escolher algumas das minhas maiores influências, eu diria estas.

José Roberto Sena: *Muitos de seus trabalhos recentes em autoria e coautoria têm sido embasados na sociologia disposicionalista, especialmente por meio da teoria da pluralidade disposicional de Bernard Lahire e na perspectiva metodológica dos retratos sociológicos¹⁰ (tendo inclusive organizado um livro intitulado Registros do ator plural:*

10LOPES, João Teixeira. Retratos sociológicos: dispositivo metodológico para uma sociologia da pluralidade disposicional. In: TORRES, L. L. & PALHARES, J. A. **Metodologia de investigação em ciências sociais da educação**. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2014. p. 99-112.

Bernard Lahire na sociologia portuguesa)¹¹. *Em que medida esse programa científico vem contribuindo para sua produção sociológica? Que tipo de modificações fez à metodologia dos retratos e se isso tem alguma implicação teórica no pensamento de Lahire?*¹² *A necessidade de ajustes remete-se à necessidade de crítica ou prolongamento?*

João Teixeira Lopes: Sem dúvida, eu acho que o Bernard Lahire recebe uma máxima do Philippe Corcuff, embora não a faça explicitamente, que é importante. Nós devemos ter em mente sempre o caráter de conhecimento acumulativo em que nada deve se desperdiçar. Nós também devemos fazer síntese do que nos precede e ao mesmo tempo pensar com a herança teórica e epistemológica, contra essa herança e para além dela. É um movimento dialético e eu acho que o Lahire faz isso muito bem, ele escreve sobre aquilo que é teoria disposicionalista e encontra influências em certos setores das ciências cognitivas, da psicologia, e, principalmente, em Pierre Bourdieu que é a sua maior inspiração, isso é indiscutível. Bourdieu, por sua vez, faz uma síntese altamente sofisticada de Marx, de Weber, de Durkheim, dos interacionistas, da etnometodologia, da história etc. Faz uma síntese magnífica criando um corpo original, mas que precisava de ser atualizado. Bourdieu olha muito para os grandes grupos, para as classes sociais, Lahire, por sua vez, achou que o indivíduo não deveria ser deixado fora da análise social. Por que a sociologia iria abandonar o indivíduo? Por que que o deixa para análise da psicologia ou do senso comum mais conservador? Não se deve achar, de maneira reducionista, que o indivíduo é plenipotenciário, dotado de livre arbítrio, senhor de si e, portanto, é responsável pelos seus próprios fracassos, ora, o indivíduo tem que ser analisado sociologicamente, procurando compreender como é que as sociedades contemporâneas produzem socialmente o indivíduo e como é que esse indivíduo é um processo que resulta das intersecções de múltiplos contextos de socialização ao longo do seu percurso. É isso que, aliás, os retratos sociológicos tentam resgatar através de entrevistas que pretendem precisamente uma visão holística sobre os diferentes contextos de socialização, portanto, uma linha diacrônica e uma linha sincrônica, agentes do contexto de socialização e fases da vida, com isso, percebe-se como algumas disposições foram se formando, percebe-se também como é que algumas surgem outras desaparecem, e, por fim, percebe-se ainda como é que há aplicações dessas disposições na vida dos indivíduos e também o porquê das contradições e dissonâncias. É preciso uma sociologia que constantemente

11 LOPES, João Teixeira. (Coord.) **Registos do actor plural:** Bernard Lahire na sociologia portuguesa. Porto: Afrontamento, 2012.

12 LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos:** disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

estude não somente os grandes agregados, mas também o indivíduo; não só estudar a coerência, mas também a dissonância; não só estudar a homologia, mas também a contradição e perceber a complexidade que existe no fato de sermos indivíduos sociais de identidades singulares.

José Roberto Sena: *Em “Crescer e tocar na Orquestra Geração”¹³ o senhor apresenta perfis de jovens músicos em uma orquestra-escola com finalidades de inclusão social. Pensando em casos de países periféricos com baixos investimentos em políticas culturais e educacionais, como buscar alternativas?*

João Teixeira Lopes: Esta é uma boa alternativa. É inspirado em um caso da Venezuela, mas com adaptações à realidade portuguesa e que tem um método pedagógico muito próprio para tocar instrumentos em orquestra, e que, através dessa socialização de orquestra e dessa procura de tocar em conjunto, consegue criar nos jovens, disposições que são muito favoráveis em alguns aspectos da vida escolar e da vida profissional futura. Isto é, os jovens da orquestra-geração desenvolvem mais disposições no sentido de certa disciplina, num certo estar em conjunto, num certo regramento. A orquestra toca em sítios diferentes, ela vai às salas consagradas, a orquestra colhe a atenção da mídia e de pessoas que não são apenas do bairro onde as crianças moram e esta pluralidade de oportunidades de socialização que a orquestra oferece, a par destas competências de tocar em conjunto, de modo sincronizado e sintonizado é altamente favorável ao sucesso escolar. Sendo assim, a atividade em orquestra pode fazer com que muitos jovens possam redefinir os seus percursos, orientando-se para música ou ainda, orientando-se para outras profissões, bebendo na experiência da orquestra, fonte para disposições que o permitem escapar às malhas da exclusão social.

José Roberto Sena: *Em “A cidade e a cultura”¹⁴ o senhor discute sobre consumo e produção cultural urbana, tendo como estudo de caso a vivacidade cultural da cidade do Porto. Como avalia as dinâmicas culturais na contemporaneidade?*

João Teixeira Lopes: Entre as muitas características interessantes, estão as várias fontes de legitimidade cultural. Enquanto que há 30 ou 40 anos atrás a distinção entre

13 LOPES, João Teixeira; MOTA, Graça. (Orgs.) **Crescer e tocar na orquestra geração:** contributos para a compreensão entre música e inclusão social. Vila do Conde: Verso da História, 2017.

14 LOPES, João Teixeira. **A cidade e a cultura:** um estudo sobre práticas culturais urbanas. Porto: Afrontamento, 2000.

alta cultura, culturas de massas e cultura popular eram intransponíveis, pois havia uma hierarquia muito fechada, hoje assistimos a hibridações via trânsito e traduções que complexificam as apropriações. As hierarquias de gosto são redefinidas com apropriações mais complexas desde a lógica da dissonância cultural, que fala Lahire, isto é, indivíduos que, sendo de classes capitalizadas, gostam em certos momentos e em certos contextos da sua vida de gêneros musicais mais relaxados, ditos populares ou classes populares que apreciam gêneros e obras da cultura erudita. Isto configura uma pluralidade de agências de consagração, não são apenas os eruditos que classificam a cultura, não são apenas as academias que as classificam, há também a mídia, há também os movimentos sociais, as associações e grupos culturais, tudo isso criou certa deslegitimação do cânone erudito e uma pluralidade cultural. Outro aspecto é a tensão que é gerada na formação dos públicos que eu acho que muitas vezes é uma formação demasiadamente vertical. Setores da elite cultural tentam agir para docilizar e civilizar os públicos das classes populares, sobretudo os mais jovens, quando sua preocupação deveria ser, a partir da experiência dos próprios jovens ou dos próprios grupos sociais, abranger as possibilidades de conhecer códigos culturais diferentes para que então possam optar ou selecionar seus bens e participações culturais. Esse é o princípio da democracia cultural¹⁵, familiarização com códigos distintos para que possam escolher. A cultura erudita sempre definiu um espólio muito limitado de expressões culturais, as “obras da humanidade”, as grandes obras, aquilo que teria, em tese, mais importância, já a democracia cultural, pelo contrário, parte daquilo que são as experiências cotidianas e antropológicas, dos vários grupos, das várias culturas e subculturas, mas sempre com essa preocupação de que elas possam conhecer uma diversidade de experiências culturais e por isso é importante que a formação de públicos permita a familiarização com as obras mais variadas, ou seja, nada serve dizermos que somos a favor da democracia cultural se continuarmos a ter apenas expressões culturais elitizadas ou se o contato com obras culturais mais consagradas e legítimas foram apenas ocasional. Por isso, é muito importante o trabalho de animadores e facilitadores culturais e do trabalho comunitário permanente. A formação de públicos só faz sentido se for continuada, sistemática, essa é uma grande preocupação que eu tenho nesse livro “A cidade e a cultura” em que cidade do Porto se abre a uma pluralidade de formas culturais que vão muito para além da ideia de legitimidade cultural bourdieusiana.

15 LOPES, João Teixeira. **Da democracia à democratização cultural**: uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público. Porto: Profedições, 2007.

José Roberto Sena: *Eu achei muito interessante como fundamenta teoricamente ao longo do livro e ratifica em forma de síntese, nas conclusões, que indivíduo simultânea e combinadamente pode estar inserido em contextos pré-modernos, modernos e pós-modernos no que tange aos gostos, consumos e comportamentos culturais.*

João Teixeira Lopes: Exatamente na altura eu não conhecia Bernard Lahire e ele ainda não tinha desenvolvido as suas obras, mas eu tinha, digamos, essa intuição. As intuições nunca surgem como uma maçã que cai da árvore e que desperta o que ninguém faria. As situações sempre surgem ao final de um labor muito grande e essa intuição surgiu por conta de um estudo denso. Na verdade, essa coexistência de assincronismos permite-nos perceber muito melhor a constituição do indivíduo e a subjetividade contemporânea¹⁶. Nós somos sempre o resultado de forças muito díspares, neste caso, num país como Portugal e numa cidade como o Porto, era nítido que em alguns grupos sociais essas influências se cruzavam, esses tempos se cruzavam e fatores de socialização pré-modernos se articulavam, muitas vezes com grande conflito, com fatores de socialização modernos e pós-modernos.

José Roberto Sena: *Em “A vida entre nós: sociologia em carne viva”¹⁷ e em suas publicações mais recentes com outros autores o senhor aborda sobre a sociologia do indivíduo focada no relato do sujeito e suas experiências diversas, afirma ainda que pretende dar voz aos sujeitos e tornar a sociologia um instrumento público aberto aos leitores em geral. Como a sociologia pode colocar os atores no palco da interpretação social?*

João Teixeira Lopes: Este livro faz parte de uma sociologia experimental em que nós procuramos, com grande economia de palavras, mostrar que a sociologia se interessa pelos significados e interpretações que os atores sociais atribuem às suas vidas. Howard Becker no seu livro *Outsiders*¹⁸ diz que não faz sentido uma sociologia em que o cidadão não se veja, não faz sentido que eu esteja a estudar músicos de jazz, que faça um estudo sobre ele, sobre sua subcultura e que depois esses músicos de jazz achem que o que eu escrevi é completamente estranho à sua experiência. Eu acho que isso realmente não faz sentido, também não faz sentido que os músicos de jazz achassem

16 LOPES, João Teixeira. Subjetividade plural no mundo contemporâneo. **Cronos**: Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFRN, Natal, v.13, n. 1, p. 81-88, jan./ jun. 2012.

17 LOPES, João Teixeira; AMÂNDIO, Sofia; ABRANTES, Pedro (Coords.). **A vida entre nós**: sociologia em carne viva. Porto: Deriva, 2016.

18 BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

que o estudo era completamente fiel a sua experiência. Porque existe um princípio de não consciência das práticas, nós não temos consciência de tudo que fazemos, de tudo que somos e de todos os sentidos de nossas experiências, pois muito nos escapa, não temos a reflexividade onisciente e por isso somos capazes, em tantas vezes, de cair em erros e preconceitos ou de não ter a verdade sobre as nossas práticas. Não podemos cair também no oposto racionalista de achar que a sociologia é só para acadêmicos e que deve ser estranha em sentido aos próprios atores da vida cultural. Este livro foi uma tentativa de aproximar a sociologia dos atores através da metodologia de retratos sociológicos que precisamente tentam interpretar interpretações, tenta interpretar aquilo que são os sentidos que os indivíduos conferem as suas próprias histórias de vida.

José Roberto Sena: *Como vê a situação do Brasil hoje em termos de produção sociológica?*

João Teixeira Lopes: A produção sociológica no Brasil é de uma riqueza extraordinária, não só pela diversidade regional, mas também pela diversidade institucional e por uma rede de apoios que o governo do Partido dos Trabalhadores criou para investigação científica. Há milhares de temas que são tratados e analisados sobre uma miríade de perspectivas e de pontos de vista. É uma sociologia muito rica com muito trabalho de campo, claro que toda essa riqueza e toda essa panóplia tem que ser também devidamente traduzida em pontos de situação de estado da arte, em síntese, quiçá fará falta no Brasil algum trabalho de síntese sobre o que vai sendo produzido. Mas é uma sociologia fecunda, muitíssimo estimulante e além do mais muito ligada também aos movimentos sociais, ao trabalho de terreno (campo) etc. Algumas delas, se calhar, deveriam estar mais distantes dos movimentos sociais, nesse aspecto. Eu sou completamente contrário ao positivismo e à ilusão do objetivismo, sei que não há neutralidade, não é possível nem é desejável ter neutralidade, mas também acho que é preciso distinguir entre a produção sociológica com cânones e regras científicas e aquilo que é uma produção sociológica militante e ativista. Acho que elas devem ser explicitadas, se eu devo fazer sociologia para servir aos movimentos sociais, eu devo dizer isto, não a fazendo passar por uma sociologia acadêmica, acho que no Brasil nem sempre há essa distinção, eu vejo um monte de estudantes e até de colegas que não fazem essa devida distinção, nem assumem os seus pressupostos com medo de perder em legitimidade científica. O que eu vejo são teses engajadas e militantes, muitas pelas quais eu, inclusive, simpatizo política e ideologicamente, mas em relação aos quais eu gostaria que fossem mais rigorosas, pois eu acho que só pode ser feita uma boa sociologia e uma sociologia potencialmente emancipadora com o uso de

procedimentos metodológicos que atendem às normas e certos rigores científicos. Contudo, de maneira geral, a sociologia brasileira é riquíssima e prolífera, com uma densidade de trabalhos muito maior até que a sociologia portuguesa. Eu tenho muitos amigos em várias áreas com quem tenho trabalhado como Maria da Graça Setton (que também segue Lahire), com a Maria Alice Nogueira (na área de educação), e o Juares Dayrell (a sociologia da juventude), com os colegas da Universidade de São Paulo, como Guilherme Magnani. Tenho aprendido bastante com a riqueza das experiências de campo e a riqueza de perspectivas que a sociologia brasileira vem produzindo.

José Roberto Sena: *Professor, finalizando, gostaria de lhe agradecer – em meu nome e em nome do professor Giovanni Boaes, que me ajudou a pensar a pauta da entrevista – sua disponibilidade para nos repassar informações tão estimulantes. E por último, que mensagem deixaria aos sociólogos brasileiros?*

João Teixeira Lopes: Algo que o Michael Burawoy diz sobre os sociólogos, devemos encarar uns aos outros como companheiros, acho que deve existir uma consciência comum de pertencimento ao patrimônio intelectual. Na sociologia tem muita crítica emancipadora, mas que também tem muito obscurantismo, a sociologia já serviu a causas não nobres, acho que essa consciência comum e esse posicionamento de lutarmos contra as fatalidades através da nossa produção rigorosa, lutarmos contra as naturalizações, lutarmos contra as formas de imaginação do social que hoje acontece no conservadorismo contemporâneo é uma tarefa que nos deve fazer sempre companheiros, eu diria que sociólogos de todo o mundo uni-vos.

Recebido em 31/01/2018

Aceita em 31/01/2018